

AS NOVAS TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTAS MEDIADORAS DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

SILVA, Cristiane Correia da

criscsil@hotmail.com

BERGER, Maria Amália Façanha (Orientadora)

Graduada em Letras Português/Inglês, Mestre em Educação pela UFS, profa. do curso de Letras Português/Inglês e Letras Português da Universidade Tiradentes – UNIT

amaliafberger@yahoo.com.br

RESUMO

As reflexões deste artigo centram-se na análise e importância da utilização de diversos recursos tecnológicos de forma competente e criativa, como ferramentas mediadoras usadas no sentido de facilitar o processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa, juntamente com metodologia apropriada, enfatizando a natureza sociointeracional deste idioma e sua crescente importância no contexto de globalização.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem, ferramentas mediadoras, língua inglesa, novas tecnologias.

AS NOVAS TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTAS MEDIADORAS DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

A língua latina transformou-se em língua franca durante o império romano, no entanto, isso não significa dizer que os romanos eram mais numerosos que os povos subordinados a eles, mas sim que eram mais poderosos.

Quando ocorreu o declínio dos romanos, o latim permaneceu forte por conta da influência da igreja católica e até pouco tempo era matéria obrigatória nas escolas não só do Brasil, mas do mundo. Tornou-se uma referência importante na história, pois era uma língua global por conta do poder militar e político ao qual estava associado.

A partir de 1970, um novo processo de reorganização das forças produtivas, econômicas e sociais em termos internacionais ganhou intensidade. Essa nova organização do capitalismo mundial foi fruto de uma série de práticas políticas e econômicas, envolvendo os setores públicos, que são os estados, as empresas particulares, universidades e organizações não-governamentais.

Um resultado desse quadro pode ser percebido através da intensificação das relações entre os países, fator decorrente da globalização que pode ser definida, de acordo com o sociólogo inglês Anthony Giddens (1990, p.23), como “a intensificação de relações sociais em escala mundial que ligam localidades distantes de tal maneira, que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorridos a muitas milhas de distância e vice-versa”.

A globalização provocou uma maior aproximação das nações, destruindo barreiras e disseminando a comunicação sem fronteiras. Esse fenômeno mundial mostrou-se de grande impacto também na transformação da língua inglesa em língua franca, e apesar de muitos países

tentarem resistir à sua predominância, ela continua forte e dominadora, mas essa dominação não se dá por acaso.

Conrad e Fishman (1977) concluem que todos os países que usam a língua inglesa para algum propósito oficial, estão ou estiveram submetidos à hegemonia política ou econômica de potência de falantes.

A esse respeito podemos citar o que ocorre na Índia. Lá, o idioma inglês foi imposto devido ao histórico domínio dos ingleses e até hoje ele é usado em transações comerciais, políticas e na educação, ou seja, permaneceu como uma marca ligada ao poder.

[...] há países, como a Índia, por exemplo, em que o inglês é a língua nacional de fato. Toda a matéria fundamental para a vida pública, no que se refere a questões políticas, econômicas, sociais e culturais, é tratada em inglês. Os próprios debates sobre as línguas regionais e o hindi, esta a língua nacional oficial segundo a Constituição, realizam-se, também, em inglês (IANNI, 1999, p.75).

Deve-se levar em consideração que o inglês não está no topo das relações internacionais casualmente, mas pela forma com que as pessoas em todo o mundo, tornaram-se dependentes desse idioma, uma vez que a língua inglesa alcançou domínios internacionais no que se refere à comunicação, educação, política, entretenimento e comércio.

De fato, sabe-se que nos países em desenvolvimento como é o caso do Brasil, uma minoria da população está aprendendo inglês e/ou o falam fluentemente, já que esse idioma passou a fazer parte da vida dessas sociedades.

Para Greenbaum (1985) isso não acontece apenas nos países em desenvolvimento, porquanto o inglês é a principal língua estrangeira estudada em países desenvolvidos como o Japão, por exemplo.

O interesse de vários países em promover o ensino desse idioma é uma forma de se ter acesso à ciência e à tecnologia ocidentais, ao comércio, ao turismo internacional e à ajuda militar e econômica.

A intensa troca de informações que vem ocorrendo de maneira espantosamente rápida e instantânea reforça essa necessidade relacionada ao desenvolvimento do nível de proficiência em língua estrangeira, conforme apontado pelo relatório de Jacques Delors apresentado à UNESCO:

Em muitos casos, o conhecimento de uma língua internacional pode ser indispensável à aquisição de conhecimentos científicos e tecnológicos mais recentes que ajudarão um país a atingir níveis modernos de desenvolvimento econômico. Encorajar as crianças e os jovens a aprender várias línguas é dotá-los de trunfos indispensáveis para alcançarem sucesso no mundo de amanhã (DELORS, 1999, p.138).

Está claro hoje que a língua que ocupa esse patamar internacional por possibilitar a comunicação entre todos os povos é o inglês e é por isso que o seu aprendizado deve ser encarado com seriedade e responsabilidade.

Os profissionais que lidam com esse tipo de ensino precisam estar cientes do que significa estudar esse idioma na atualidade. Há países como a China em que o ensino de inglês está sendo levado muito a sério, conforme podemos observar no comentário do empresário brasileiro Alain Belda feito em entrevista à revista *Veja* a respeito das possibilidades de o Brasil ingressar seriamente na disputa pelo mercado mundial:

O espaço a ser ocupado está ficando pequeno para o Brasil (...) o primeiro-ministro chinês (...) disse que eles têm lá 250 milhões de estudantes aprendendo inglês a sério. (...) tem mais gente aprendendo inglês na China que nos Estados Unidos. Eles entenderam que, para participar do mundo de hoje, a pessoa tem de falar inglês¹.

Levando-se em consideração esse quadro de globalização e a crescente necessidade de que haja um ensino de língua inglesa que atenda às atuais necessidades de nossa sociedade, o presente artigo tem por finalidade analisar o papel que as novas tecnologias da informação e comunicação devem desempenhar no processo de ensino-aprendizagem desse idioma.

Para tal, pretende-se também promover um tipo de reflexão a respeito do papel do docente como principal mediador e facilitador do processo de ensino-aprendizagem, com ênfase na importância de tal profissional estar pedagogicamente preparado para saber fazer uso de

¹ Matéria publicada na Revista *Veja* de 02 de junho de 2003, p.14).

metodologia apropriada para levar o aprendiz a desenvolver competências comunicativas e, em se tratando do uso de ferramentas tecnológicas, é importante que ele tenha consciência de que elas não trarão soluções mágicas para suas aulas.

A PRESENÇA DA LÍNGUA INGLESA EM NOSSO COTIDIANO – MÉTODOS, ABORDAGENS E TÉCNICAS DE ENSINO.

O que se constata é que não só os países em desenvolvimento como também os desenvolvidos têm suas populações bombardeadas a todo instante com palavras estrangeiras.

No caso específico do Brasil, podemos citar palavras que não causam nenhuma estranheza ao serem usadas: *jeans, hot dog, games, fast food, stop, Nike, fitness, McDonalds, Shopping, mouse*, entre outras.

Nos ambientes televisivos podemos observar que os apresentadores fazem uso da mistura do Português com o Inglês, aqui denominado como Portanglês, em expressões do tipo: Fulana fez um *making off* para dizer produção de um filme.

As rádios apresentam um vasto repertório de músicas em língua inglesa, assim como os filmes legendados, produzidos pela indústria americana de entretenimento. Hollywood nos apresenta além do idioma, uma gama de costumes, relacionados à cultura estrangeira e ao seu patriotismo exagerado.

A língua inglesa também se faz presente nos manuais de eletro-eletrônicos e principalmente na Internet já que 80% de seu conteúdo está em inglês. Isso nos leva à constatação da real necessidade de se aprender a língua inglesa, especialmente para aqueles que quiserem desenvolver atividades profissionais nas áreas relacionadas à informação.

Até a invenção dos microcomputadores, a palavra informação sempre se referiu ao ato pessoal de adquirir conhecimento, como alguém que lia livros ou que se cercasse de sábios. Mas os microcomputadores mudaram nossa visão, e hoje, entendemos como informação tudo aquilo que pode ser coletado, manipulado, processado; isso graças à criação da Internet, que deu início a uma acelerada inovação tecnológica.

No Brasil, o ensino de língua estrangeira cuja escolha fica a critério da comunidade escolar mediante as possibilidades da instituição, passou a ser disciplina obrigatória em nosso país. A partir da quinta série do ensino fundamental de acordo com a Nova LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 que, em relação à educação básica, Capítulo II – Da Educação Básica – Seção I – Das Disposições Gerais – Art. 26 § 5º.

A ênfase no ensino de inglês, em detrimento de tantas outras línguas estrangeiras, deu-se por motivos óbvios; é a língua que recebe maior atenção e há um número maior de profissionais dedicados a essa área de ensino.

No decorrer dos tempos, muitos métodos surgiram, uma vez que o ensino de línguas sempre foi foco de atenção. As inovações nesse sentido sempre levaram em consideração a real necessidade de desenvolvimento de métodos, técnicas e abordagens, comumente relacionados às teorias sociológicas, pedagógicas e lingüísticas vigentes que vão de encontro aos que sucederam.

O método de gramática e tradução, considerado hoje como abordagem tradicional, foi idealizado ainda no século XVIII, mas até hoje vem sendo aplicado em grande parte das escolas de 2º grau, com adaptações em seu formato original, é claro.

O método de Gramática e Tradução dominou o ensino europeu e de língua estrangeira dos idos de 1840 até 1940 e, de forma modificada ele continua sendo largamente usado em algumas partes do mundo hoje (RICHARDS & RODGERS, 2001, p.06) (tradução minha).

Como o próprio nome sugere, o ensino de língua estrangeira fica pautado no aprendizado de regras gramaticais com comparações das estruturas entre a língua materna e a

língua estrangeira em questão e na tradução de textos. As habilidades de fala (speaking) e de compreensão oral (listening) ficam consideradas como sem importância.

Segundo (RIVERS,1975. p. 82) “não podemos atribuir as origens do método aos princípios ou doutrinas de nenhum mestre em particular, pois está claramente enraizado no ensino formal de grego e latim que prevaleceu na Europa durante muitos séculos”.

No conteúdo de ensino desse método prevalecem as regras gramaticais, que são aplicadas através de exercícios escritos e traduções para se constatar o uso correto das regras ensinadas.

Desse modo, o professor torna-se preso ao próprio livro didático e ao planejamento que ele mesmo elabora, já que o docente tem que utilizá-lo integralmente, descartando a importância da ênfase na pronúncia e na própria habilidade de fala (speaking). Em termos gerais, isso é bastante negativo, pois não requer dos profissionais que eles sejam falantes competentes da língua alvo – o inglês.

Portanto, é importante destacar que essa forma de metodologia encontra-se ultrapassada há mais de cinquenta anos e não corresponde a situações reais vividas pelos falantes, daí a falta de interesse destes pelo idioma, já que não vêm relevância no seu aprendizado.

Por volta dos anos cinquenta, o behaviorismo, em união com a lingüística e psicologia deram ênfase na língua falada que era associada a reflexos mecânicos como repetir, imitar, memorizar e exercitar estruturas lingüísticas.

Surge então, o Método Audiolingual, que tinha como peça chave atividades de expressão oral, juntamente com a introdução da fonética da língua estrangeira estudada. As conversações usadas nas aulas correspondiam a situações que poderiam acontecer nas ruas, no cinema, nas praças, atribuindo-lhe um caráter indispensável para o ensino de línguas.

A técnica mais usada por este método é a repetição exaustiva de frases até que o aprendiz as memorizem. Este foi considerado um método muito eficaz em nível de aprendizado básico, mas suas fraquezas se fizeram perceber conforme os estudos avançavam, pois as técnicas utilizadas não mais supriam as necessidades dos falantes. Vale ressaltar que este também é um método ainda usado em algumas escolas de línguas.

Chomsky, nos anos 60, foi contra esse tipo de método, afirmando que a língua é uma habilidade criativa e algo que não pode ser memorizado e que as regras da gramática não determinam o que é certo ou errado, mas que o desempenho de um falante da língua e representante de uma cultura, numa situação real de comunicação é o que determina o que é certo ou errado.

A competência lingüística ou competência comunicativa passou a ser vista como um setor da competência comunicativa, que não exclui a gramática, mas a coloca lado a lado com o objetivo da comunicação. Partindo-se da necessidade do aluno, cria-se uma série de recursos extras destinados a tornar satisfatório o desempenho do mesmo (PAIVA, 1996, p. 124).

Stephen Krashen (1998) conclui que para tornar-se proficiente numa língua estrangeira não é necessário que o aluno acumule informações ou conhecimento a respeito de regras gramaticais, mas é de extrema importância que o discente esteja exposto a interações sociais com situações de comunicação autêntica, não necessariamente na sala de aula. É importante também que se enfatize o intercâmbio cultural, fator relevante para dissociar o processo ensino-aprendizagem do plano técnico-didático, passando-os para o plano pessoal e psicológico.

A Abordagem Comunicativa (Communicative Approach) surgiu no Brasil no final da década de setenta e floresceu nos anos oitenta. Esta abordagem surgiu buscando equilíbrio entre as funções e noções no ensino-aprendizagem da língua inglesa, ou seja, o aluno utiliza funções como pedir informações quando o assunto for noções de tempo e lugar em situações de comunicação autênticas de inserções sociais.

O ensino de língua estrangeira baseado na Abordagem Comunicativa ganha ainda mais importância quando, junto a seus pressupostos, aliam-se as idéias de Vygotsky, que diz que o conhecimento não é transmissível, mas construído em ambientes naturais de interação social, baseados na cultura.

Para tanto, é importante salientar que esse processo de construção do próprio aprendizado faz-se no convívio social, pois cada indivíduo o constrói a partir de suas experiências com objetos e outras pessoas no espaço e no tempo. Nesse processo, além de um ambiente natural, é de extrema importância o contato com pessoas de diferentes sociedades.

O ensino da língua inglesa no Brasil, principalmente no ensino médio, de certa forma não parece ter evoluído, pois, ainda utiliza-se o método de tradução e gramática. Alguns cursos de inglês estagnaram no método audiovisual ou audiolinguístico dos anos sessenta porque a abordagem comunicativa (Communicative Approach) exige que o profissional esteja preparado linguisticamente e metodologicamente para atuar numa realidade educacional que prima pelo desenvolvimento das competências comunicativas, exigências essas que devem fazer parte da formação docente de forma geral:

Um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tornar a informação significativa, a escolher as informações verdadeiramente importantes entre tantas possibilidades, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda e torná-las parte do nosso referencial (MORAN, 1998 P.23).

ENSINO E NOVAS TECNOLOGIAS – ALIADOS OU RIVAIS?

Acompanhar os novos desafios que a sociedade globalizada nos impõe leva-nos a refletir no sentido de que, aliado ao surgimento da informatização do ensino, surgiu também uma dúvida entre os educadores: será que seremos substituídos pelas máquinas?

Essa é uma reação natural em meio a medos, incompreensões e resistências às inovações e que é fruto também de um quadro que se configura pelas pessoas estarem acostumadas a executar atividades tradicionais, rotineiras, dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Com isso, criam-se barreiras em relação a tentativas de promover mudanças importantes e necessárias concernentes à introdução das novas tecnologias de comunicação, ou seja, àquelas que estão ligadas ao uso do computador, à informática, à telemática ou ainda à educação à distância.

O computador, logicamente aliado ao uso da Internet, é a tecnologia mais utilizada pela sociedade moderna. Como afirma (MORAN 2000, p.20) “Na sociedade atual, em virtude da rapidez com que temos que enfrentar situações diferentes a cada momento, cada vez utilizamos mais o processo multimídico”.

É bom termos em mente que a língua inglesa é hoje, na prática, a língua padrão da rede, já que as empresas e universidades americanas dominam a maior parte dos produtos de informação na Internet e que seu aprendizado no sentido de facilitar a comunicação e a produção de informação é primordial.

Desse modo, observamos que esse é apenas um dos itens que corroboram a expansão da exclusão, que não é só digital, mas também lingüística e conseqüentemente social.

Isso nos faz constatar que a comunicação eletrônica ainda é um meio elitista, pois para se conectar à rede, é necessário que o indivíduo possua um computador, modem, uma conta de acesso e uma linha telefônica, ou seja, produtos caros. Além disso, há a importância de se fazer um curso com treinamento específico.

Apesar disso, é interessante salientar que as novas tecnologias fazem parte atualmente das nossas necessidades e assim sendo, elas podem ser usadas tanto para libertação como para manipulação.

No meio educativo, atualmente, fala-se em tecnologia relacionada à cultura de massa. Para GADOTTI (2000 p.38) “Diante de um aparelho de televisão, nossas crianças em suas casas, sentem-se como cidadãos do mundo, habitando numa aldeia global”.

A programação desta tecnologia enfatiza a imagem, o som e o movimento e sua programação é tão envolvente que quando um personagem usa um acessório novo em um filme recém-lançado (geralmente de origem americana), ou em uma novela (geralmente nacional), logo este acessório passa a ser moda, contribuindo para a expansão do consumismo, que é uma forma de condicionar a sociedade a seguir normas comportamentais pré-estabelecidas, de forma inconsciente.

Já o vídeo-cassete nos oferece mais do que a televisão: tempo, que é indispensável para o exercício da reflexão, como rever cenas já vistas, o que, para o ensino de inglês é essencial, pela possibilidade de se trabalhar a compreensão oral (listening) e a fala (speaking), assim também como o DVD, que é uma versão mais moderna do vídeo e que apresenta mais recursos.

A Internet surgiu promovendo o crescimento das comunicações internacionais. Com sua criação – www ou web (world wide web), em 1992 por Tim Berners-Lee; pesquisador do laboratório de partículas (CERN), foi nos proporcionada a expansão da informação de forma rápida e de fácil acesso, sem excluir indivíduos desprovidos de instrução educacional. Esta ferramenta foi essencial para a popularização da rede, porque também permitia a inclusão de sons, imagens e vídeos, encantando pessoas de várias sociedades e idades.

Através da Internet podemos conversar com pessoas em qualquer parte do planeta, em língua inglesa ou não, podemos também enviar e receber e-mails, fazer propaganda, nos divertir, ganhar dinheiro ou ainda vagar curiosos por ambientes virtuais.

Portanto, as novas tecnologias são aliadas do desenvolvimento do indivíduo, na importante e difícil tarefa de constituição do próprio ser.

A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente, graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. DELORS (1998, p. 99)

A partir da análise dessa visão, constatamos que a escola precisa proporcionar aos alunos o contato com metodologias que ofereçam problematizações, levando-os à reflexão sobre situações reais, para que os educandos sejam capazes de resolver seus problemas de forma madura e reflexiva.

O PAPEL DO PROFESSOR

As tecnologias de comunicação não substituem o educador, mas modificam algumas de suas funções, já que a idéia de transmissor de informações fica para trás e hoje isso é função do livro didático e da máquina.

Desse modo, novas chances de reformular a relação entre professores e alunos começam a aparecer, assim como formas de reavaliar o papel da escola na sociedade contemporânea Um exemplo no seguinte comentário:

As tecnologias em si não garantem suposta “qualidade” ao processo pedagógico. É por meio dos usos, das múltiplas maneiras que os sujeitos em seu cotidiano a utilizam, enfim do fazer com, que se pode fazer dela um instrumento que crie possibilidades de reconhecer e validar a presença da diversidade, da pluralidade, da multiplicidade dos diálogos estabelecidos pelos alunos e professores na (con) vivência, o que não a coloca como único meio de obter qualidade na educação escolar (IMENES 2002, p.127).

Mas, afinal, qual é o papel do professor no contexto das novas tecnologias? Os educadores precisam entender que é preciso estar aberto às mudanças tecnológicas, pois as novas tecnologias não constituem um fim em si, mas um instrumento intensificador do papel do professor.

Elas devem ser encaradas como ferramentas que podem auxiliar na promoção do processo democrático e do exercício da cidadania, ao passo que estimulam o aprimoramento educacional guiado pela curiosidade; comum aos seres humanos.

Então, ao fazer uso do computador, o professor, especialmente o de língua inglesa, deve possibilitar espaços de aprendizagem vivenciais e em tempo real, fazendo uso da criatividade juntamente com a tecnologia da comunicação, para promover a interação entre professor-aluno e aluno-aluno.

Instigando a curiosidade de seus alunos, os alertará para a variedade de meios que podem orientá-los, por exemplo, em pesquisas. Esses meios dependem logicamente da realidade na qual o aluno e professor estão inseridos; para tanto, alguns recursos tecnológicos são indispensáveis: CD – ROOMS, os jornais, as fitas de vídeo, rádio, filmes e especialmente a Internet.

Agindo desta forma, estaremos instigando inquietações, permitindo que os discentes encontrem as respostas que precisam, tendo como base o assunto trabalhado. Quanto mais o professor usar diferentes aparatos tecnológicos de comunicação na classe ou em laboratórios informatizados, aliados a sites educacionais na Internet ou tecnologias, mais seus alunos desenvolverão atividades interdisciplinares e tornar-se-ão competentes falantes da língua inglesa. Isto é, o sucesso vai depender de como tais ferramentas serão empregadas.

No campo de ensino de língua inglesa o destaque na WEB é indispensável, pois o acesso ao material completamente autêntico em tempo real será de grande valia para o professor,

principalmente aqueles que nunca tiveram a oportunidade de viajar para os países onde as línguas que ensinam são faladas (SIQUEIRA, 2003, p.276).

De acordo com (BEHRENS 1996, P.115), “O educador deve preocupar-se em oferecer alguns endereços eletrônicos e se organizar para disponibilizar todos os demais que os alunos forem encontrando na rede”.

O papel do professor de línguas é, pois, fazer com que os discentes desenvolvam sua competência lingüística e seu senso crítico a partir do contato com informações recebidas, assim como criar situações reais de conversação na WEB. Aqui estão alguns sites interessantes de revistas: www.speakup.com.br, www.newsweek.com.br; de jornais: www.cnn.com; páginas dos livros que adotam: www.skyline-english.com; também em cursos de inglês: www.us.cambridge.org/esl/nic/support; também em sites infantis: www.monica'sgang.com.br; no qual além de brincar, o aluno também adquire vocabulário e utiliza o conhecimento que já possui da língua inglesa entre outros.

A evolução do ensino de línguas nos mostra que isso é resultado do atual processo de interatividade social, trazendo para os alunos uma forma de comunicar-se, mediada pelo computador, com pessoas de todos os sexos, idades, etnias, personalidades, etc.

Isso a qualquer hora ou minuto, o que para o ensino do inglês foi uma revolução dos métodos, trazendo benefícios e desenvolvendo competências pedagógicas que abrangem as áreas da comunicação e da cultura.

Esse processo de investigação se amplia, pois os alunos podem procurar na rede informatizada os endereços de sites específicos, fornecidos pelo professor e procurar endereços de sites ligados ao tema fornecido (BEHRENS, 1996, p.117).

Isso, é claro, só é sinônimo de sucesso se o professor fizer uso de metodologia de ensino que promova a comunicação, pois como já citamos anteriormente, a aplicação de tecnologia, por si só, não garante que isso aconteça.

O professor não é tão somente um transmissor de informações, mas elemento chave no despertar do senso crítico e criativo do educando, uma vez que a tecnologia nos direciona a novas maneiras de produzir, ensinar aprender e comunicar. É preciso levar o aluno a perceber que além de adquirir conhecimento, ele deve despertar o interesse em usar o idioma para coisas que são de relevância. Tudo isso acontece em tempo real.

E sendo as novas tecnologias peças importantes do contexto social, no qual o processo educativo se realiza, o professor tem o importante papel de fazer com que o aluno encontre seu lugar num mundo que se torna cada vez mais interativo e interdependente a partir dos avanços tecnológicos, levando-o a resultados significativos; quando de acordo com o processo de ensino-aprendizagem, em especial, da língua inglesa.

Alunos e professores precisam vivenciar processos de comunicação abertos pautados na construção de conhecimento que é hoje tão necessária para a formação do indivíduo que precisa estar preparado para atuar num universo globalizado, assumindo seu papel como cidadão do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos esquecer que ser proficiente em uma língua estrangeira na atualidade é um fator importante no desenvolvimento de atividades profissionais, o que é uma exigência do atual mercado de trabalho. Porém, na realidade de países em desenvolvimento, como o Brasil, tornar-se proficiente numa língua é privilégio de poucos, tendo em vista o nível aquisitivo da população.

É a partir do avanço tecnológico e em especial do computador e da Internet, adaptados à língua inglesa que os profissionais de ensino, em destaque aqui, os professores de inglês, sentem a necessidade de se qualificar e repensar qual é seu papel diante das mudanças no ensino e das necessidades dos alunos.

Dessa forma, o ensino de línguas deve proporcionar aos seus alunos, além da real necessidade de seu estudo, um ambiente, no qual a partir do contato com outros falantes e outras culturas, os educandos encontrem relevância no seu estudo e desenvolvam as habilidades lingüísticas necessárias para se tornarem pessoas participativas.

Assim, há a possibilidade de que o processo ensino-aprendizagem de língua inglesa no Brasil transforme os educadores em profissionais criativos e atuantes, preocupados em contribuir na formação de alunos críticos e reflexivos, verdadeiros cidadãos dessa aldeia global que o mundo se tornou.

REFERÊNCIAS

- BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica.** – Campinas, Sp: Papyrus, 2000.
- CONRAD, Andrew w., FISHMAN, Joshua A.: **The Spread of English.** Rowey Massachusetts; newbury House, 1977.
- DELLORS, Jacques e outros. **Educação: um tesouro a descobrir- Relatório para unesco da comissão internacional sobre Educação para o século XXI.** São Paulo: Cortez/ Unesco, 1998.
- GADOTTI, Moacir e colaboradores. **Perspectivas atuais da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- GIDDENS, Anthony. **The Consequences of Modernity.** Stanford University Press, 1990.
- GREENBAUM, Sidney (Ed) **The English language today.** Oxford: Pergamon Institute of English, 1985. 345p.
- IANNI, Octávio. **A Sociedade Global.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- MASETTO, Marcos (org). **Novas Tecnologias e mediação pedagógica** – Campinas. SP: Papyrus 2000
- MORAN, José Manuel. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica** – Campinas. SP; Papyrus 2000
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Ensino de Língua Inglesa: Reflexões e experiências.** Sp: Pontes, 1996
- RICHARDS, C.; RODGERS, T.: **Approaches and Methods in Language Teaching.** 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- RIVERS, Wilga. **Psicologia e Ensino de línguas.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1975
- VYGOTSKY, I. **Pensamento e linguagem.** SP, Martins Fontes, 1998.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação – trabalhos e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF,1998.

Conferência Mundial sobre o Ensino Superior (1998: Paris, França). Tendências de Educação Superior para o Século XXI/ UNESCO/ CRUB/1999.

FONTES CONSULTADAS

VEJA. São Paulo, edição 1809, ano 36, nº 26, 02 de junho/2003.